

# PATRICIA CORNWELL

EM RISCO

TRADUÇÃO  
Rafael Mantovani



COMPANHIA DAS LETRAS

---

Copyright © 2006 by CEI Enterprises, Inc.

*Proibida a venda em Portugal.*

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original  
*At risk*

Capa  
*Elisa v. Randow*

Foto de capa  
© *Jana Leon/ Getty Images*

Preparação  
*Cláudia Cantarin*

Revisão  
*Carmen S. da Costa*  
*Valquíria Della Pozza*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Cornwell, Patricia.

Em risco / Patricia Cornwell ; tradução Rafael Mantovani.  
— São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: *At risk*.  
ISBN 978-85-359-1790-1

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-americana) I. Título.

11-13475

CDD-813.0872

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura norte-americana  
813.0872

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — sp

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

*Para o dr. Joel J. Kassimir,  
um verdadeiro artista.*

# 1

Uma tempestade de outono castigou Cambridge o dia inteiro e parece que vai seguir noite adentro. Relâmpagos e trovões ressoam enquanto Winston Garano (mais conhecido como “Win” ou “Jerônimo”) avança a passos largos na penumbra pela borda leste do Harvard Yard.

Ele não tem guarda-chuva. Não tem casaco. Seu terno Hugo Boss está grudado no corpo e seus cabelos escuros estão pingando; os sapatos Prada estão encharcados e imundos devido a um passo em falso numa poça ao sair do táxi. É claro que o maldito taxista o deixou no maldito endereço errado, não no número 20 da rua Quincy, em frente ao clube dos professores de Harvard, mas sim no Fogg Art Museum, e na verdade foi culpa de Win. Quando entrou no táxi no Aeroporto Internacional de Boston, disse: *Clube dos professores de Harvard. É perto do Fogg*, pensando que, se fizesse referência a ambos, talvez parecesse um aluno de Harvard ou um colecionador de obras de arte, em vez do que realmente é, um investigador da Polícia Estadual de Massachusetts que tentou entrar em Harvard dezessete anos antes e não conseguiu.

Grandes gotas parecem dedos irritados batucando no topo de sua cabeça, e ele é tomado de ansiedade ao posar-se no velho passeio de tijolos vermelhos, no meio do velho pátio de tijolos vermelhos, olhando a rua Quincy de alto a baixo, observando as pessoas passarem depressa em carros e bicicletas, uns poucos a pé curvados sob guarda-chuvas. Pessoas privilegiadas cruzam a chuva e a névoa.

Pertencem a este lugar e sabem disso. Também sabem aonde estão indo.

“Licença”, Win diz a um sujeito de jaqueta preta e calça jeans folgada e desbotada. “Sua pergunta da Mensa de hoje.”

“Hã?” Ele franze a testa, depois de atravessar a rua de mão única encharcada, com uma mochila pingando nas costas.

“Onde é o clube dos professores?”

“É ali”, responde com uma arrogância desnecessária, provavelmente porque, se Win fosse membro do corpo docente ou alguém importante, é claro que saberia a localização do clube dos professores.

Ele anda em direção a uma bela construção em estilo neogeorgiano com telhado de ardósia cinza, guarda-chuvas brancos molhados brotando no pátio de tijolos. Janelas acesas aquecem a escuridão espessa, e o murmúrio de uma fonte se funde ao barulho da chuva enquanto ele segue o caminho de pedrinhas escorregadias até a porta da frente, passando os dedos pelos cabelos molhados. Lá dentro, ele olha ao redor como se tivesse acabado de entrar numa cena de crime, assimilando o ambiente, avaliando o que deve ter sido um salão de visitas de algum aristocrata endinheirado mais de um século atrás. Observa os painéis de mogno, os tapetes persas, os lustres de latão, os cartazes de teatro vitorianos, os retratos pintados a óleo e uma velha escadaria lustrosa que leva a um lugar aonde ele provavelmente nunca irá.

Win senta num sofá antigo e duro, enquanto um carilhão lembra que ele chegou pontualmente e a promotora pública Monique Lamont (Monique *Lamoney*, como ele a chama), a mulher que basicamente controla sua vida, ainda não apareceu. Em Massachusetts, os promotores públicos têm jurisdição sobre todos os homicídios e contam com um serviço próprio de investigação da Polícia Estadual, o que significa que Lamont pode trazer quem quiser para integrar seu esquadrão pessoal, e também pode dispensar quem qui-

ser. Ele pertence a ela, e ela tem maneiras peculiares de lembrá-lo disso.

Esta é a mais recente, a pior de todas as suas manobras políticas e de seu raciocínio às vezes míope, ou o que ele às vezes considera fantasias da parte dela, tudo emanando de sua insaciável ambição e necessidade de controle. De repente ela decide enviá-lo para o Sul, para Knoxville, Tennessee, para cursar a Academia Forense Nacional, com a alegação de que quando voltar vai compartilhar com os colegas as mais recentes inovações em investigação de cena do crime, mostrar como fazer do jeito certo, do jeito exato. Mostrar como garantir que nenhuma investigação criminal *jamais, e eu digo jamais mesmo, será prejudicada pelo mau uso das provas ou por falta dos procedimentos e análises adequados*, ela disse. Ele não entende. A Polícia Estadual de Massachusetts tem csis. Por que não mandar um deles? Ela não deu ouvidos. Não quis explicar.

Win olha para os sapatos encharcados que custaram vinte e dois dólares numa loja de roupas usadas chamada Hand-Me-Ups. Nota que começaram a secar as manchas de água no terno cinza, comprado por cento e vinte dólares na mesma loja onde arranjou várias roupas de grife usadas a preço de banana, descartadas por pessoas ricas que enjoam fácil das coisas, ou que estão doentes ou mortas. Ele espera e fica preocupado, especulando o que seria tão importante a ponto de fazer Lamont convocá-lo a ir até lá de Knoxville. Roy, seu covarde e arrogante secretário de imprensa, telefonou para ele hoje de manhã, tirou-o da aula e disse para tomar o próximo voo para Boston.

*Imediatamente? Por quê?*, Win protestou.

*Porque ela mandou*, Roy respondeu.

Dentro do prédio alto de concreto pré-moldado do Tribunal do Distrito de Cambridge, Monique Lamont surge do lavabo particular dentro de seu grande escritório particular. Diferentemente de muitos promotores públicos e outros que

trafegam pelo mundo da justiça criminal, ela não coleciona quepes e distintivos de polícia, nem uniformes estrangeiros e armas ou fotos emolduradas de oficiais famosos. Quem lhe dá esses presentes faz isso apenas uma vez, pois ela não hesita em devolver ou doar tudo. Lamont gosta de vidro.

Vidro decorado, vitrais, vidro veneziano, vidro novo, vidro antigo. Quando a luz do sol preenche sua sala, transforma-se num fogo prismático, cintilante, tremulante, brilhante, reluzindo num espectro de cores, distraindo as pessoas, deslumbrando-as. Ela recebe pessoas distraídas e deslumbradas em seu arco-íris, depois lhes apresenta a grande tempestade que veio antes.

“Não mesmo”, ela continua de onde parou, sentando-se à enorme mesa de vidro, uma mesa transparente que de modo algum impede que ela use saia curta. “Não vamos ter outro maldito vídeo educativo sobre dirigir bêbado. Ninguém além de mim consegue pensar em nada diferente?”

“Na semana passada, em Tewksbury, uma família inteira foi morta por um motorista embriagado”, diz Roy, sentado num sofá de canto, olhando para as pernas dela quando acha que Lamont não está percebendo. “Isso é muito mais relevante para os cidadãos do que um velho caso de assassinato numa cidade provinciana do Sul, para a qual ninguém aqui dá a mínima...”

“Roy.” Lamont cruza as pernas e observa o olhar dele sobre ela. “Você tem mãe?”

“Ora, vamos, Monique.”

“É claro que você tem mãe.” Ela levanta, começa a andar de um lado para o outro, desejando que estivesse fazendo sol.

Ela odeia chuva.

“Você ia gostar, Roy, se sua mãe de quarenta e cinco quilos fosse brutalmente espancada na própria casa e abandonada para morrer sozinha?”

“Ah, Monique. A questão não é essa. Deveríamos estar cuidando de um homicídio não solucionado em Mas-

sachusetts, e não de um caso na Caipirolândia. Quantas vezes vamos ter que discutir isto?”

“Você é ingênuo, Roy. Mandamos um dos nossos melhores agentes, resolvemos o caso e chamamos...”

“Eu sei, eu sei. Chamamos a atenção do país inteiro.”

“A mão firme e forte se estendendo para ajudar os menos privilegiados, os menos, bem... menos tudo. Nós pegamos as velhas provas, reexaminamos...”

“E contribuímos para melhorar a imagem de Huber. De algum modo, ele e o governador é que vão ficar bem nesta história. Você está se iludindo se acha que vai ser diferente.”

“Sou *eu* que vou ficar bem nesta história. E você vai garantir isso...”

Ela para abruptamente de falar quando a porta da sala se abre e, por coincidência (talvez coincidência demais), seu assistente entra sem bater. Ele é filho de Huber. Por um instante Lamont suspeita que ele estivesse escutando a conversa. Mas a porta está fechada. Não é possível.

“Toby”, ela diz em tom de advertência. “Eu sou psicótica ou você entrou sem bater outra vez?”

“Foi mal. Cara, minha cabeça está até aqui de coisa.” Ele funga e balança a cabeça raspada, parece meio chapado. “Só queria avisar que estou indo embora.”

*Para sempre*, ela deseja. “Estou plenamente ciente disso”, ela diz.

“Volto na segunda que vem. Vou ficar de boa em Martha’s Vineyard, arejando a cabeça. Meu pai sabe onde me achar se você precisar de mim.”

“Você cuidou de todos os assuntos pendentes?”

Toby funga outra vez. Lamont tem quase certeza de que ele usa cocaína. “Hã, tipo o quê?”

“Hã, tipo tudo o que eu coloquei na sua mesa”, ela diz, batendo uma caneta dourada num bloco de anotações.

“Ah é, claro. E eu fui um bom menino, limpei tudo, deixei tudo direitinho para você não ter que arrumar minha bagunça.” Ele dá um sorriso malicioso, o rancor que sente



em relação a ela transparecendo em seu jeito lesado, sai e fecha a porta.

“Um dos meus maiores erros”, ela diz. “Nunca faça um favor para um colega.”

“É óbvio que você tomou sua decisão, e é tão definitiva quanto a morte”, Roy continua de onde parou. “E ainda acho que você está cometendo um erro enorme. Talvez até fatal.”

“Chega de analogias com a morte, Roy. Elas me irritam. Preciso de um café.”

O governador Miles Crawley está sentado no banco de trás de sua limusine preta, com a divisória erguida e os guarda-costas longe de sua vista, sem poder escutá-lo falar ao telefone.

“Não vá ficar confiante e se descuidar”, ele diz, olhando para suas longas pernas esticadas, vestidas em risca de giz, um olhar vazio em seus sapatos pretos lustrosos. “E se alguém der com a língua nos dentes? Não deveríamos estar falando sobre isto...”

“O *alguém* em questão não vai dar com a língua nos dentes. Isso é garantido. E eu sou sempre cuidadoso.”

“Nada é garantido além da morte e dos impostos”, diz o governador enigmaticamente.

“Neste caso você tem uma garantia, não tem como dar errado. Quem não sabia onde estava? Quem foi que perdeu? Quem escondeu? Não importa o que aconteça, para quem é que vai pegar mal?”

O governador olha pela janela, vê a escuridão, a chuva, as luzes de Cambridge, sem saber se fizera bem ao permitir que tudo aquilo fosse adiante, e decide: “Bem, não tem mais volta quando vazar para a imprensa. É bom mesmo que você tenha razão, pois é em você que vou pôr a culpa. Essa droga de ideia foi sua”.

“Confie em mim, para você vão ser só boas notícias.”

O governador gostaria muito de receber boas notícias.

Sua mulher o atormenta o tempo todo, seu intestino está descontrolado, e lá vai ele para outro jantar. Este é no Fogg Art Museum, onde vai perambular olhando quadros de Degas, depois dizer umas poucas palavras para garantir que todos os filantropos amantes da arte e elitistas de Harvard se lembrem de como ele é culto.

“Não quero mais falar sobre isto”, diz o governador.

“Miles...”

Ele odeia ser chamado pelo primeiro nome, por mais que conheça a pessoa há tempos. É *governador Crawley*. Algum dia *senador Crawley*.

“Você vai me agradecer, prometo...”

“Não me obrigue a repetir o que já disse”, avisa o governador Crawley. “Esta é a última vez que temos esta conversa.” Ele encerra a ligação e guarda o celular no bolso do paletó.

A limusine para em frente ao Fogg. Crawley espera seus guarda-costas o retirarem do carro, conduzindo-o para sua próxima encenação política, sozinho. Dane-se a maldita esposa e dane-se a maldita sinuosite dela. Não faz nem uma hora que ele foi instruído sobre Degas, mas pelo menos sabe pronunciar o nome e que ele era francês.

Lamont se levanta, anda devagar e observa pela janela um entardecer deprimente, escuro e úmido, dando goles num café com gosto de queimado.

“A mídia já começou a ligar”, diz Roy em tom de advertência.

“Acredito que esse era o plano”, ela diz.

“Nós precisamos de um plano de controle de estragos...”

“Roy. Não aguento mais ouvir isto!”

*Ele é tão covarde... Que criatura medrosa*, ela pensa, de costas para ele.

“Monique, eu só não entendo como você consegue realmente acreditar que algum esquema do governador vai acabar beneficiando você.”

“Se vamos ganhar cinquenta milhões de dólares para construir um novo laboratório criminal”, ela repete devagar, como se ele fosse imbecil, “precisamos chamar atenção, mostrar ao público e ao poder legislativo que temos justificativa para atualizar a tecnologia, contratar mais cientistas, comprar mais equipamento de laboratório, montar o maior banco de dados de DNA do país, quem sabe até do mundo. Resolvemos um caso antigo que a gente do bom e velho Sul deixou numa caixa de papelão durante vinte anos, e viramos heróis. Os contribuintes nos apoiam. Nada funciona melhor que o sucesso.”

“Isso é parte da lavagem cerebral de Huber. Que diretor de laboratório criminal não ia querer convencer você a fazer isso, apesar do risco que você corre com isso?”

“Por que você não enxerga como esta ideia é boa?”, ela diz frustrada, olhando a chuva lá fora, a chuva incessante e sombria.

“Porque o governador Crawley odeia você”, responde Roy numa voz monótona. “Pergunte a si mesma por que ele entregaria isto nas suas mãos.”

“Porque eu sou a promotora pública de maior visibilidade em todo o estado. Sou uma mulher. Para ele não parecer o intolerante de direita, machista e turrão que realmente é.”

“E concorrendo contra ele... qualquer erro vai estourar em cima de você, não dele. Você é que vai ser Robert E. Lee rendendo sua espada, não ele...”

“Então agora ele é Ulysses S. Grant... Win vai acabar com isso.”

“É mais provável que ele acabe com você.”

Ela se vira devagar, olha fixamente para Roy, observa-o folhear um caderno.

“O que exatamente você sabe sobre ele?”, Roy pergunta.

“É o melhor investigador da unidade. Politicamente, uma escolha perfeita.”

“Vaidoso, obcecado por roupas.” Ele lê suas anotações.

“Ternos de grife, um Hummer, uma Harley, o que levanta suspeitas sobre sua situação financeira. Um Rolex.”

“Um Breitling. Titânio. Provavelmente em *bom estado*, de uma dessas lojas de segunda mão”, ela diz.

Roy ergue o olhar, surpreso. “Como você sabe onde ele compra as coisas que usa?”

“Porque reconheço as coisas boas da vida. Certa manhã perguntei como ele tinha dinheiro para comprar a gravata Hermès que estava vestindo aquele dia.”

“Costuma se atrasar quando chamado a cenas de crime”, Roy continua.

“Segundo quem?”

Ele passa mais várias páginas do caderno, percorre uma delas com o dedo. Ela espera que os lábios dele se mexam enquanto ele lê em silêncio. *Pronto, mexeram. Meu Deus. O mundo é cheio de imbecis.*

“Ele não parece ser gay”, continua Roy. “Isso é uma boa notícia.”

“Na verdade, seria bem moderno da nossa parte se nosso detetive-propaganda fosse gay. O que ele bebe?”

“Bem, ele não é gay, isso é certeza”, diz Roy. “É um mulhereengo.”

“Segundo quem? O que ele gosta de beber?”

Roy faz uma pausa, confuso, e diz: “Beber? Não, pelo menos esse problema ele não tem...”.

“Vodka, gim, cerveja?” Ela está prestes a perder completamente a paciência.

“Não faça a mínima ideia.”

“Então ligue para o Huber, que é amigo dele, e descubra. E faça isso antes de eu ir para o clube dos professores.”

“Às vezes eu simplesmente não entendo você, Monique.” Ele volta para suas anotações. “Narcisista.”

“Quem não seria se tivesse a aparência dele?”, ela diz.

“Convencido, um rostinho bonito, um terno vazio. Você devia ouvir o que os outros policiais têm a dizer sobre ele.”

“Acho que acabei de ouvir.”

Win Garano aparece na mente dela. Seus cabelos escuros, ondulados, seu rosto perfeito. Um corpo que parece esculpido de uma pedra cremosa e bronzeada. E seus olhos, alguma coisa em seus olhos. Quando ele olha para ela, Lamont tem a estranha sensação de estar sendo lida, de que ele a conhece, talvez até saiba algo que ela não sabe.

Ele vai ficar perfeito na tv, perfeito nas sessões de fotos.

“... provavelmente as duas únicas coisas boas que posso dizer a respeito de Win Garano é que ele é apresentável”, continua dizendo o pobre e inadequado Roy, “e tem certo *status* de minoria. Embora seja pardo, nem lá nem cá.”

“O que você acabou de dizer?”, Lamont o encara. “Vou fingir que você não disse isso.”

“Então como chamamos?”

“Não chamamos de nada.”

“Afro-italiano? Bem, imagino que sim”, ele responde às próprias perguntas enquanto folheia o caderno. “Pai negro, mãe italiana. Pelo jeito decidiram lhe dar o sobrenome da mãe, Garano, por motivos óbvios. Ambos os pais estão mortos. Aquecedor com defeito. Alguma espelunca onde eles moravam quando ele era menino.”

Lamont pega seu casaco atrás da porta.

“A infância dele é um mistério. Não faço ideia de quem o criou, não tem nenhum parente próximo listado, a pessoa a contatar em caso de emergência é um tal Farouk, que parece ser o senhorio dele.”

Ela tira da bolsa as chaves do carro.

“Menos sobre ele, mais sobre mim”, ela diz. “O histórico dele não importa. O meu, sim. Minhas conquistas. Minha carreira. Minha posição nas questões que interessam. O crime. Não só o crime de hoje. Não só o crime de ontem.” Ela sai pela porta. “Qualquer crime. Ontem, hoje ou amanhã.”

“Certo”, Roy vai atrás dela. “Belo slogan para uma campanha.”